

Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

ANA FLÁVIA PEREIRA DE MIRANDA

**A LINGUAGEM AMANHECE E ANOITECE (PEL)O MUNDO:
O ESTUDO DE FORMAÇÕES NOMINAIS SOB VIÉS
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO**

Mai 2021

ANA FLÁVIA PEREIRA DE MIRANDA

**A LINGUAGEM AMANHECE E ANOITECE (PEL)O MUNDO:
O ESTUDO DE FORMAÇÕES NOMINAIS SOB VIÉS
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da
Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Ênfase: Estudos Linguísticos

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

**São João del-Rei
Maio 2021**

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Ao silêncio umbilical do Universo.

À prof. Dra. Luciani Dalmaschio, pela orientação dedicada com a qual tive meu início na teoria da Semântica da Enunciação. Por me ajudar a encontrar um caminho maravilhoso no qual vislumbro os sentidos de minha vida acadêmica.

Ao grupo de estudos sobre a Enunciação (UFSJ), pelas contribuições substanciais em todas as leituras, além da amizade, dos cafés e dos questionamentos que movimentam nossas pesquisas.

Ao prof. Dr. Luiz Francisco Dias, por me aceitar, ainda na graduação, no Grupo de Estudos Enunciar (UFMG), e aos meus companheiros do grupo.

Aos docentes do curso de Letras da UFSJ, responsáveis pela minha formação. Por se fazerem sempre presentes com suas aulas e pesquisas impecáveis. Um agradecimento especial ao *magistro* José Antônio, grande professor e amigo que tive a honra de encontrar na imensidão da docência.

Aos colegas do curso de Letras da UFSJ, pela companhia no aprendizado. Agradeço, sobretudo, à Eliézia, que tanto me ajudou na jornada burocrática da graduação.

Às companheiras da Manada, mulheres com as quais aprendi que os arranjos do mundo ecoam nos abraços, nos sorrisos e em cada palheta perdida.

À minha companheira de vida, Nara, e à querida amiga, Kátia, pessoas com as quais entendi que o oceano do afeto nasce também de um rio que atravessa a vida.

Ao meu primão, Will, companheiro de mudanças, sonhos, sangue e músicas.

Agradeço, fundamentalmente, à minha mãe, Léia, por tornar-me possível na constituição da existência, sempre.

RESUMO

Este estudo filia-se à teoria balizada pela Semântica da Enunciação, cujo pressuposto analítico volta-se à reflexão acerca da materialidade linguística norteadada pelo olhar semântico-enunciativo. Entendemos que o dia e a noite estão sendo significados pela história de suas enunciações. Além disso, postulamos que a proliferação da mitologia judaico-cristã no Ocidente atua na enunciação dessas formas linguísticas. Desse modo, selecionamos ocorrências na busca dos efeitos de sentidos que as redes enunciativas instalam, de modo a estudar a pertinência enunciativa das formações nominais, organizadas em torno dos nomes-núcleo “dia/noite” e dos convergentes “diurno/noturno”. Analisaremos, ainda, de que modo os referenciais históricos licenciam a constituição das formações nominais, procurando esquadrihar como traços históricos-sociais operam na enunciação dessas formas.

Palavras-chave: Semântica da Enunciação. Formação nominal. Mitologia Judaico-Cristã.

ABSTRACT

This study is affiliated with the theory guided by the Semantics of Enunciation, whose analytical assumption turns to the reflection about linguistic materiality guided by the semantic-enunciative look. We understand that day and night are being signified by the history of their enunciations. Furthermore, we postulate that the proliferation of Judeo-Christian mythology in the West acts in the enunciation of these linguistic forms. In this way, we selected occurrences in the search for the effects of meanings that the enunciative networks install, seeking to study the enunciative relevance of the nominal formations, organized around the core names "day / night" and the convergent "daytime/nocturnal". We will also analyze how historical references license the constitution of nominal formations seeking to examine how the historical-social traits operate in the enunciation of these forms.

Keywords: Semantics of Enunciation. Nominal formation. Judeo-Christian mythology.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Rede enunciativa: FN 'noite'	16
QUADRO 2 - Rede enunciativa: FN 'noite' (escuridão).....	19
QUADRO 3 - Rede enunciativa: FN 'dia' (luz)	21
QUADRO 4 - Rede enunciativa: convergentes 'diurno' e 'noturno' - 1	25
QUADRO 5 - Rede enunciativa: convergentes 'diurno' e 'noturno' - 2.....	26
QUADRO 6 - Rede enunciativa: as horas sob pontos de vista.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Objetivos.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 METODOLOGIA.....	14
4 EM ANÁLISE: OS MOVIMENTOS DE SENTIDO DO ‘DIA’ E DA ‘NOITE’	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo empreende a análise de formações nominais (FNs) que se apresentem organizadas em torno dos nomes-núcleo ‘dia’, ‘noite’ e/ou dos convergentes ‘diurno’ e ‘noturno’ sob o olhar da Semântica da Enunciação. Embasados nos conceitos de formação nominal, referencial histórico¹ e pertinência enunciativa, desenvolvidos por Dias (2018), postulamos que a Bíblia Judaico-Cristã, ainda hoje, rege o imenso possível dos referenciais das FNs aqui reunidas.

Isso posto, perpassa-nos o entendimento de que, tanto o ‘Gênesis’ como o ‘Evangelho de João’, ao designarem a luz, o claro e o bom como ‘dia’ e as trevas, a escuridão e o mau como ‘noite’, constituem sócio-historicamente a memória enunciativa dessas formas linguísticas e, por conseguinte, ancoram a atualidade de tais FNs — de forma geograficamente ocidental. Em função disso, as relações sociais e culturais, supomos, estão dispostas também sob a face da mitologia cristã. Consideramos que, de fato, o verbo se ‘faz’ carne, isto é, a coisa só ‘é’ depois de ser dita. A linguagem significa o mundo.

Sabemos, todavia, que os referenciais históricos, instanciados pela atualidade, também potencializam a diferença. É importante ressaltar que não tratamos a diferença como algo que anula o antes posto, mas como o que tem em si a interface da igualdade.

Além do mais, não nos delimitamos a uma leitura sagrada, exegética ou hermenêutica da Bíblia. O interesse é, em suma, o de tornar científico, pela palavra, o que existe em certo obscurantismo, isto é, dar luz à filha que sempre nasce e gera: a linguagem. Sendo assim, interessa-nos a soberania do político nos enunciados que, ancorados na mitologia judaico-cristã, fazem emergir, por exemplo, as trevas e a luz de forma tão pertinentes e ‘transparentes’ na atualidade. Portanto, acreditamos que existe uma aparição política do divino² quando somos agenciados enunciativamente a dizer. Entretanto, posto que o divino é obra da palavra, defendemos que somente por intermédio da linguagem, e não do divino, relacionamo-nos com a história do mundo.

¹ O conceito de referencial histórico é desenvolvido por Luiz Francisco Dias, com base no que apresentou o filósofo Michel Foucault (2008 [1969]).

² Acreditamos que a linguagem é contornada politicamente, isto é, o espaço de enunciação é político (GUIMARÃES, 2017).

1.1 Objetivos

Baseados nos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, selecionamos as ocorrências na busca dos efeitos de sentido que as redes enunciativas³ instalam, com o objetivo geral de **estudar a pertinência enunciativa das FNs, que se apresentem organizadas em torno dos nomes-núcleo ‘dia’, ‘noite’ e/ou dos convergentes ‘diurno’ e ‘noturno’, observando como os traços histórico-sociais, desde a proliferação da mitologia judaico-cristã no Ocidente até a contemporaneidade, atuam na enunciação dessas formas enquanto unidades encapsuladoras de acontecimentos de linguagem.**

Nessa direção, nossas metas mais específicas visam, de um lado, (i) **observar em que medida os efeitos de sentido das FNs de que ‘dia’/’diurno’ e ‘noite’/’noturno’ participam ancoram-se nos referenciais construídos pela Bíblia Judaico-Cristã;** de outro lado, (ii) **demonstrar quais outros referenciais sustentam a (re)construção dos efeitos de sentido das FNs em análise.**

³ O conceito de redes enunciativas será apresentado na seção 3 deste trabalho, a saber: Metodologia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo de um viés semântico-enunciativo, nosso trabalho tem como reflexão os efeitos de sentido (des)regularizados pelas formações nominais **que se apresentem organizadas em torno dos nomes-núcleo ‘dia’, ‘noite’ e/ou dos convergentes ‘diurno’ e ‘noturno’**. Estamos balizados pela noção de que a realidade ganha pertinência na enunciação; assim, de que não há objetos *a priori*. Melhor dizendo: “o que se diz é incontornavelmente construído na linguagem” (GUIMARÃES, 2017, p. 9). Postulamos, em decorrência disso, que

as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. (...) a língua tem em si a memória dessa história (...) carrega na sua estrutura as marcas de seu passado. (GUIMARÃES, 1996, p. 27).

Investidos, então, do pressuposto de que a linguagem é “uma perspectiva de leitura do mundo, de tal forma que suas formas são criadas em conformidade com percepções peculiares de uma suposta realidade objetiva — que, por sua vez, é imperceptível senão por meio da linguagem” (GUIMARÃES, 2011, p. 18), entendemos que o ponto de vista enunciativo sobre as entidades do mundo faz com que elas existam. A linguagem “participa do modo como construímos nossa identidade, do modo como entendemos o mundo, do modo como concebemos as pessoas” (DIAS, 2018, p. 21), a noite e o dia. Ora, da forma como captamos a enunciação, tal perspectiva da existência

se configura pela relação entre uma demanda do presente do enunciar e os referenciais históricos da significação que direciona esse olhar para compreensão do mundo. Por essa demanda do presente somos instados a dizer, a compreender, e dar sentido àquilo que nos faz pertinente na corrente do cotidiano. (DIAS, 2018, p. 30).

Vale ressaltar, sobretudo, que “não se pode prescindir das regularidades históricas que constituem organicamente a língua, entretanto, a língua não é capaz de significar apenas a partir de seus elementos estruturais. Somente quando as regras linguísticas ganham acontecimento a língua adquire *status* de dizer” (DALMASCHIO, 2013, p. 59). Os nomes-núcleo ‘noite’ e ‘dia’, dessa forma, não são a noite e o dia, mas aquilo que enunciamos sobre eles. São o acontecimento entre um ‘já significado’ e um ‘a significar’. Ainda segundo Dalmaschio (2015, p. 242), é possível perceber “o acontecimento como um ato de construção e reconstrução operadas concomitantemente”, isto é, “há um conjunto de discursividades no qual a atualidade produz um movimento de ancoragem para materializar-se”.

A partir do conceito de formação nominal podemos entender o que está colocado anteriormente. Aliás, talvez seja mais do que isso: atravessaremos a ponte da nominalidade, deixando a descrição para chegar à explicação. Para tanto, saímos do que é denominado sintagma nominal para a formação nominal, balizada por redes enunciativas.

Acreditamos, por conseguinte, que essas FNs condensam outras FNs e, ao mesmo tempo, são perspectivadas por elas, como exemplo: ‘luz e trevas’, ‘claridade e escuridão’, ‘virtude e pecado’, ‘felicidade e tristeza’, ‘bem e mal’, ‘vida e morte/luto’, ‘saúde e doença’, ‘segurança e perigo’, ‘deus e diabo’. Além disso, defendemos a tese de que tais FNs apresentam razões enunciativas para sua realização que são afetadas sócio-historicamente por um domínio de mobilização do discurso religioso/mitológico.

Segundo Dias (2018, p. 123), “a designação ancora-se em cenários de discursividades. Um nome designa algo na medida em que se associa a esse nome uma história de enunciações na qual ele está envolvido”. Tendo em vista o pano de fundo bíblico, podemos dizer que a dicotomia noite e dia, assim como luz e trevas, se nos apresenta como um conflito, uma dualidade pela qual somos atravessados e constituídos. Dito de outro modo, os enunciados da mitologia cristã dividem e organizam o que enunciamos. Somos tomados pelo e no conflito, assim como o dizemos.

Sendo a enunciação um acontecimento, é necessário entender o que compreendemos acerca disso. Ducrot, já em 1984, nos apresenta a enunciação como acontecimento histórico. Para o linguista, o acontecimento histórico se dá pelo “facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso)” (DUCROT, 1984, p. 369), a isso ele denomina, também, enunciação: uma “aparição momentânea” que se dá na “realização de um enunciado”; porque “é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois” (DUCROT, 1987, p. 168), podemos dizer que a enunciação é um acontecimento histórico.

Eduardo Guimarães, leitor de Ducrot, realiza em sua obra “Semântica do Acontecimento” (2017) o que a própria FN-título já indica: o desenvolvimento do conceito de ‘acontecimento’. Para ele, a enunciação é um acontecimento de linguagem — conceito no qual nos embasamos.

Considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no* tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no* tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua

própria temporalidade: essa a sua diferença. (GUIMARÃES, 2017, p. 16, grifos do autor).

Está posta, assim, uma distinção fundamental em relação ao acontecimento ducrotiano: não se trata de uma história linear, mas temporalizada no acontecimento, isto é, na enunciação. Além disso, é preciso dizer que quem temporaliza não é o sujeito enunciativo, mas o acontecimento. “O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2017, p. 16). Podemos, ainda, nos questionar sobre o que queremos dizer com temporalidade. De antemão, como bem dissemos, não se trata de algo linear, mas “constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores” (GUIMARÃES, 2017, p. 17). Em outras palavras, a temporalidade comporta um futuro latente, uma memória enunciativa e uma demanda do presente. Temos, assim, o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

O referencial histórico é definido como o domínio de ancoragem da significação na língua, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres, quando a enunciação adquire suporte na constituição histórica da sociedade. Ao mesmo tempo em que um enunciado adquire relação com os referenciais históricos da enunciação, ele também adquire relação com a sua ocorrência no presente do enunciar. Daí nasce o conceito de *pertinência enunciativa*, definida como a relação que um enunciado mantém com as cenas que nos acionam a dizer algo na instância do presente do enunciar. (DIAS, 2018, p. 142-3, grifos do autor).

Segundo Igor Guimarães (2011, p. 33), “a designação da referência do acontecimento, à medida que este vai se reiterando, é condensada, ou encapsulada, em um nome, o que permite que a língua sintetize as informações pertinentes ao enunciado”. As FNs, neste trabalho, cumprem essa condensação. Além do mais, as formas linguísticas significam no acontecimento enunciativo, no cruzamento entre memória e atualidade. “Os enunciados se recriam a todo instante. A recriação, como atualização, é um processo de alimentação da memória interdiscursiva, constitutiva de uma instância virtual da língua” (GUIMARÃES, 2011, p. 27).

Filiamo-nos, do mesmo modo, à noção de que “a relação com o que está fora da linguagem é uma construção de linguagem. Ou seja, só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra a outra palavra” (GUIMARÃES, 2007, p. 77). Veremos, assim, que os referenciais são constituídos pela enunciação e não pela relação direta entre linguagem e mundo, palavra e coisa.

Precisamos, desse modo, entender as FNs cujos referenciais históricos abarcam a enunciação mítica/bíblica. É importante ressaltar que não consideramos o mito, aqui, ficção. De acordo com o historiador e filósofo das religiões, Mircea Eliade (2016 [1963]), o mito é verdadeiro — adiante trataremos da noção de verdade —, feito de uma narrativa sagrada — uma vez que o relato é feito diretamente por deus aos homens, bem como de deusas musas aos escritores de outras mitologias — e cumpre a função de fulgir modelos exemplares. Em outras palavras, acreditamos que o *mythos* ‘é verdadeiro’ para os sujeitos que o vivem de forma ‘viva’; o mito, sobretudo, atribui valor e normas para aqueles que nele acreditam, assim como para aqueles que são tomados, ainda que à revelia de, por ele. Dessa forma, é necessário compreender o poder do mito, perceber que *mythos* e *logos* não se excluem. Trata-se de uma tentativa de olhar para a mitologia cristã do mesmo modo como o fazemos com a mitologia greco-romana, por exemplo. Por fim, analisar essas enunciações é de suma importância para a ciência, visto que “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros” (FOUCAULT, 1999 [1971], p. 43).

A verdade, para nós, é constituída da (re)significação das enunciações sobre a verdade (GUIMARÃES, 2017). “E a história da ideia de verdade parece remeter não ao universo do conhecimento, mas à necessidade humana de duração, de estabilidade” (MOSE, 2018, p. 29). Trata-se de uma busca pela essência, pelo eterno, quando a linguagem — e por que não a vida — não se dá de forma estática e linear, tampouco de forma que tenha origem e fim, mas é a todo instante diferença; acontecimento.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, atuaremos, primeiro, com a seleção de enunciados do ‘Gênesis’ e do ‘Evangelho de João’, uma vez que apresentam as formações nominais de que ‘dia’ e ‘noite’ participam — encapsuladoras, por sua vez, de ‘luz’ e ‘trevas/escuridão’; doravante, trabalharemos com a coleta de dados por meio do site de pesquisas *Google*, de início com as designações ‘dia’ e ‘noite’, construindo domínios de mobilização dos sentidos. Em seguida, analisaremos os convergentes adjetivais das seguintes FNs: ‘terror noturno’, ‘terror diurno’, ‘guarda noturno’, ‘casa noturna’, entre outras. Teremos, dessa maneira, redes enunciativas constituindo nosso *corpus* de análise.

Lembremo-nos de que o procedimento de análise também é um processo de elaboração de *corpus*. Tendo em vista a significativa importância de uma metodologia, no tocante ao objeto a ser, não somente construído, mas analisado, voltaremos nossos esforços, principalmente, ao que Dias (2018) empreende na elaboração do que anunciamos redes enunciativas.

Observar a enunciação envolve conceber as dinâmicas das dimensões do sentido, por meio da qualificação das formas de expressão (formas significantes) como passíveis de receber a determinação de domínios de mobilidade capazes de qualificá-las enunciativamente. (DIAS, 2018, p. 31).

Todavia, como observar a enunciação? Assim podemos nos questionar. Nosso telescópio para o universo enunciativo, respondemos, é aquele que produz um trabalho acerca dos sentidos, isto é, realiza a elaboração de redes enunciativas: “procedimento para desenvolvermos o conhecimento do funcionamento da língua na produção do sentido” (DIAS, 2018, p. 31).

A constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no *Google* e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. (DIAS, 2018, p. 35).

É preciso que busquemos, então, as relações entre as FNs que são mobilizadas em enunciados. Isso posto, devemos efetivamente entender quais as razões enunciativas das FNs ‘dia’ e ‘noite’ condensarem ‘luz’ e ‘trevas’, ‘alegria’ e ‘medo’, ‘bem’ e ‘mal’, entre outras perspectivas. De início, tomemos o seguinte enunciado:

(1)

Milton Nascimento é “manhã⁴ plena de sol e luz” a clarear a noite do Brasil no show “Clube da Esquina”

Fonte: G1, 19 mai. 2019.⁵

O cantor mineiro Milton Nascimento, também chamado de Bituca, realizou uma turnê nacional, que começou em 2019 e terminou em 2020, com sua banda da década de 60, Clube da Esquina. Tendo atravessado um período de ditadura militar — que assolou o Brasil de 1964 a 1988 —, o grupo musical, formado pelos amigos Bituca, Lô Borges, Flávio Venturini, Beto Guedes, Wagner Tiso, Márcio Borges, entre outros grandes nomes da música popular brasileira, ficou conhecido por suas composições engajadas e de cunho político. Basta notar certo protesto e uma eterna esperança dos letristas: “Porque se chamavam homens / também se chamavam sonhos / e sonhos não envelhecem / em meio a tantos gases lacrimogêneos / ficam calmos, calmos (...)” (BORGES *et al.*, 1972).

Para entender o efeito de sentido da FN “noite do Brasil” e “Milton nascimento é manhã plena de luz e sol” no enunciado supracitado, vejamos a seguinte rede enunciativa:

⁴ Durante a pesquisa, foi possível perceber que a FN “dia” pode denotar tanto manhã e tarde, como também o dia em suas 24h. Do mesmo modo, “noite” abarca madrugada. Por isso, durante as análises, notaremos ambas as ocorrências.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/05/19/milton-nascimento-e-no-show-clube-da-esquina-uma-manha-plena-de-sol-e-luz-que-clareia-a-noite-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2020.

QUADRO 1 - Rede enunciativa: FN ‘noite’

(2) Trecho do ‘Gênesis’

Viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz dia, e às trevas noite (...) (Gênesis 1: 4-5)

(3) FIGURA 1: Chamada da entrevista feita pela Porém.net ao escritor Mário Magalhães



Fonte: Porém.net, 22 dez. 2017.⁶

(4) FIGURA 2: Postagem da jornalista e política Manuela D’Ávila



Fonte: Facebook, 10 nov. 2019.⁷

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos dizer, de início, que a organização dessa rede enunciativa expõe enunciados afetados pelo mesmo domínio de mobilização de que o enunciado sobre o Clube da Esquina faz parte. A rede faz emergir o sentido de ‘noite’ e os referenciais históricos mobilizados, quais sejam: repressão (3) e golpe de Estado (4). É preciso observar, primordialmente, que o ‘Gênesis’ nos diz o porquê dessas filiações referenciais. Ora, se a luz é boa, a noite é ruim. A separação demarca como concebemos essa dicotomia: a “noite do Brasil” é o instante de trevas sobre o país, a noite plena de sombra pela qual a nação passa. Milton Nascimento, então, vem dividir as águas escuras da noite, com o clarear de um novo e esperançoso dia para o Brasil.

⁶ Disponível em: <https://porem.net/2017/12/22/mario-magalhaes-na-noite-do-brasil-a-hora-e-de-nao-calar/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/manueladavila/posts/4060595153988914/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Por essa razão, entendemos que não existe ‘o’ sentido, mas efeitos de sentido, uma vez que “não é algo que advém do enunciado em si, mas da relação de pertencimento que ele mantém com sentidos já produzidos” (DIAS, 2014, p. 96), frente às condições sócio-históricas de sua produção.

Essa perspectiva de análise torna válida a reflexão de que um signo tem relação com o outro na medida em que apresenta também relação com a história das enunciações das quais já participou. Não se tratando, portanto, nem da ideia de “sistema” apontada por Saussure (sic), que concebe os signos apenas em suas relações estritamente linguísticas; tampouco da concepção de micro ato do acontecer, posta em cena por Ducrot, que é apenas uma parte do acontecimento enunciativo porque não leva em conta a repercussão de sentenças e enunciados anteriores na efetivação dos dizeres em acontecimento, não leva em conta que enunciados anteriores deram suporte às relações dos signos que estão em ato. (DALMASCHIO, 2013, p. 59).

“Nós vivemos em sociedade e assim somos afetados pelo discurso (...) [que] é constituído com o passar do tempo, e vai se tornando histórico, repetitivo” (DIAS, 2018, p. 34). O que proporciona, dessa forma, essa relação de sentidos? O referencial histórico, em nossa perspectiva. Como nos diz Mosé (2018, p. 67), “as palavras não se relacionam com as coisas, mas com o universo significativo das próprias palavras, ou seja, as palavras se relacionam com aquilo que está dito que as palavras querem dizer”. As redes realizam o trabalho de exposição, como um guia o faz no museu, daquilo que não aparece no enunciado, visto que “as relações visíveis do enunciado são dependentes de outras relações que não estão visíveis” (DIAS, 2018, p. 35).

Dessa maneira, quando trabalhamos com enunciados pautados no uso, empreendendo a aproximação e o distanciamento desses para comprovar uma hipótese, demonstramos, também, como a significação se efetiva. As redes enunciativas nos revelam no que esses exemplos são parecidos ou dessemelhantes; sua criação é cerceada pela regularidade de uso. Nossa proposta busca, então, a elaboração do sentido, seu lugar de mobilidade, no que está ancorado; o trabalho com as redes enunciativas, portanto, resgata um dos efeitos de sentido de *elaborare*, a saber: produzir por meio do trabalho. Nosso objeto de trabalho: a formação nominal/o enunciado.

4 EM ANÁLISE: OS MOVIMENTOS DE SENTIDO DO ‘DIA’ E DA ‘NOITE’

Tendo em vista que “a linguagem fala de algo” (GUIMARÃES, 2017, p. 9) e, ademais, o que é dito necessariamente está sendo construído também na linguagem, “uma semântica que considera (...) a análise do sentido (...) deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (*ibidem*). Veremos, a seguir, redes enunciativas que demonstram — exatamente em um processo de entrelaçamento — as sustentações referenciais e, portanto, históricas, das FNs organizadas em torno de ‘dia’ e ‘noite’. De modo simultâneo, apresentaremos enunciados que retomam esses referenciais e os (re)significam.

Faz-se importante ressaltar, de antemão, que não há início, isto é, que os enunciados aqui analisados não são parte de uma ‘fonte’ do que insistimos em enunciar, ainda hoje⁸. Não estamos estabelecendo, dessa forma, o lugar de origem das formações nominais que se nos apresentam, mas o referencial histórico predominante na enunciação observada a partir do ocidente; mais especificamente, de um país colonizado e institucionalizado pela religião judaico-cristã. Dessa maneira, o sentido, para nós, “nunca é algo pronto, definitivo, algo que as formas de expressão apenas reproduzem” (DIAS, 2018, p. 21). Além do mais, por não ser estática, a significação é necessária ao movimento da história e do ser humano. Assim, “o homem precisa significar o tempo todo” (*ibidem*). Em função disso, “a origem nada mais é do que um discurso de início. O início é um discurso de origem. As coisas não são pertinentes na natureza antes de serem significadas pelo discurso”⁹.

⁸ Basta notar a influência da mitologia greco-romana na Bíblia cristã. A noite era concebida como a mãe do dia e da discórdia, por exemplo; além de ter sido gerada pelo Caos. Do mesmo modo, os polinésios utilizavam palavras em seus rituais com objetivo de criar a luz em um mundo tomado pelas trevas. (COMMELIN, 2017; ELIADE, 2016).

⁹ Fala da profa. Dra. Luciani Dalmaschio, em reunião do grupo de estudos da Enunciação (UFSJ), realizada no dia 02 de setembro de 2020.

QUADRO 2 - Rede enunciativa: FN ‘noite’ (escuridão)

(5) Trecho do dicionário online de português
Significado de Nictofobia: substantivo feminino. Medo mórbido da noite, da escuridão. Fonte: Dicio ¹⁰
(6) Trecho de um texto de Clarice Lispector
Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Fonte: Pensador ¹¹
(7) Excerto da crítica feita ao filme <i>Midsommar</i>
Minha primeira reação quando Midsommar: O Mal Não Espera a Noite terminou foi de afastamento, eu não queria mais escrever a respeito. Não lembro de já ter sentido essa sensação de repulsa tão forte. (...) Se a premissa de trazer o terror para a luz do sol é de algum modo original, há uma condição de compensação em cada passo planejado pelo roteirista e diretor Ari Aster. É como uma tentativa de solidificar a natureza dualista do ser humano, onde a ausência de meios-termos consome muito do que se pensa, do que se faz e do que se planeja. (...) Se na crítica sobre <i>Hereditário</i> citei Platão ao expor que “[p]odemos (sic) facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz” e, naquele texto, eu me referia à luz como a razão, aqui é tudo mais palpável, mais claro. Fonte: Canaltech, 20 set. 2019. ¹²
(8) Trecho do ‘Gênesis’
Depois disso Deus viu que a luz era boa, e Deus começou a separar a luz da escuridão. Deus chamou a luz de “dia”, mas a escuridão chamou de “noite”. Houve noite e houve manhã, primeiro dia. (Gênesis 1:4-5) Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rede enunciativa, parece-nos substancial o relato do medo como aliado do desconhecido, daquilo que não se vê, daquilo a que nomeamos noite e escuro. A fobia da noite (5), encapsulada pela articulação intranominal (DIAS, 2018) “nictofobia”, adquire pertinência quando assegurada pelo referencial histórico que ocorre no ‘Gênesis’ (8). A arquitetura, constituidora dos efeitos de sentido que atravessam a ‘noite’, desde a mitologia de origem cristã, é constituída daquilo que não é bom, do que é pecaminoso e, portanto, deve ser evitado. Quando é escrito que deus nomeia a luz de dia, a partir da ruptura com seu antônimo, bem como quando

¹⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nictofobia/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjQ0/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

¹² Disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/critica-midsommar-o-mal-nao-espera-a-noite-150321/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

deus adjetiva a luz de boa, somos tomados pela significação da noite enquanto algo que não é bom. Essa dualidade não teve seu começo, nem mesmo seu fim, na Bíblia Judaico-Cristã. Todavia, podemos, aqui, tentar iluminar o seu *continuum* de significações.

Se, de um lado, dia encapsula luz e aquilo que é bom (“a luz era boa”), de outro lado, noite encapsula escuridão e o que não é bom. Posto que o signo é o resultado incessante de uma luta estabelecida entre a resistência e a mudança, essas perspectivas referenciais são repetidas, diferenciadas e atualizadas nos demais enunciados.

Clarice Lispector (6), por ser o “escuro da noite”, isto é, por ser também o que é misterioso, instaura um embate a esse medo. É um reconhecer-se impalpável, lugar que ainda precisa conhecer, com seus temores e obstáculos, entendendo que não há como ser somente boa; no limite, que entre bem e mal há um imenso possível de acontecimentos. Em (7), ocorre a diferença que (re)significa dia, pois o mal, do mesmo modo como se dá à noite, pode se dar durante a manhã e a tarde. Ora, “o mal não espera a noite” situa o terror historicamente feito na escuridão durante o dia luminoso. Há, então, uma atualização na FN ‘dia’, ainda que não desvinculada da ‘noite’. É importante destacar que “os deslocamentos só são possíveis na língua porque apresentam um pano de fundo histórico de significação” (DALMASCHIO, 2013, p. 60). Como nos diz a crítica do filme, existe uma originalidade em levar o terror para a luz, demonstrando, assim como Clarice o fez, que a dualidade que os discursos sustentam é passível de multiplicidade. A linguagem não é ‘preto no branco’.

QUADRO 3 - Rede enunciativa: FN ‘dia’ (luz)**(9) Trecho do ‘Evangelho de João’**

Jesus respondeu: “Não há 12 horas de luz no dia? Se alguém anda na luz do dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, se alguém anda de noite, tropeça, porque nele não há luz.” (Evangelho de João 11:9-10)

(10) FIGURA 3: Quadrinho sobre dia e noite

Fonte: *Pinterest*¹³

(11) Trecho retirado da página ‘Pílulas Inspiradoras’

Sempre há um dia claro depois de uma noite escura, ponto. Ele pode não ser sempre ensolarado, mas é mais claro que a noite escura. Isso é lei divina. Todo furacão termina em uma brisa suave e toda noite escura termina em um dia claro.

Fonte: *Facebook*, 9 out. 2020.¹⁴

(12) FIGURA 4: Mensagem inspiracional

Fonte: *Mensagens com amor*¹⁵

Fonte: Elaborado pela autora.

¹³ Disponível em: <https://i.pinimg.com/474x/f3/48/41/f348415f322a10924e6612570015fc91.jpg>. Acesso em: 01 mar. 2021.

¹⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/comRicardoMelo/photos/a.952718361516361/3230004667121041/?type=3&eid=AR AqZL5Tgh6Ca6PFXdeGIGVMaYQhpH9jI7nYojCdD00vvfxQ_wTnnaEj7j0qv9U7kgRM7LDfRDuPqn_6. Acesso em: 01 mar. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/106542>. Acesso em: 03 mar. 2021.

A terceira rede enunciativa dá suporte à rede enunciativa do quadro 2, visto que recorta os referenciais históricos do ‘dia’ e significa-os como a alegria após a tristeza (12), a calma depois de momentos difíceis (11), bem como a precisão (10). Trata-se aqui de observar as duas redes e compreender que os enunciados do ‘Gênesis’ (8) e do ‘Evangelho de João’ (9) estão se atualizando de forma com que adquiram pertinência enunciativa na contemporaneidade.

O advento da luz elétrica, há 142 anos, e, mais atualmente, das tecnologias digitais (celular, *kindle*, entre outras) não apagam as filiações históricas que constituem as FNs, mas as atravessam. Hoje em dia, a luz pode estar na tela de um celular que é ligado em um quarto escuro — assim como uma vela já iluminou qualquer sala —, contudo os enunciados ainda fazem emergir os pontos de vista de outro tempo e de outro lugar, do que é temporalizado no acontecimento.

a língua é um produto de natureza sócio-histórica, e os fenômenos de linguagem devem ser explicados com base na consideração de que a sociedade produz demandas diversas de significação que se refletem na língua, demandas estas sujeitas a se alterarem no decorrer do tempo. (GUIMARÃES, 2011, p. 20).

Notemos que o acontecimento enunciativo revelado nos dizeres supramencionados só pode ser captado de modo material, funcionando na língua em uso. À medida que nos colocamos frente à materialização linguística dos enunciados e das FNs de modo interdependente, vamos nos deparando com aquilo que não está visível, o que está no plano do simbólico. É preciso reconhecer que “o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito” (FOUCAULT, 1999, p. 57). A língua, por fim, não está livre da história, mas materializa o que nela é incorporal.

a materialidade é um constituinte linguístico a partir do qual se lida com a simbologia. Dessa maneira, as duas dimensões — orgânica (material) e simbólica (enunciativa) — sustentam o acontecimento do dizer, que se instala em torno da mobilidade trazida pelo deslocamento constitutivo das discursividades. (DALMASCHIO, 2013, p. 63).

Ao esmiuçar a dimensão orgânica e simbólica apreendemos a aparição política do divino, que surge consciente ou inconscientemente nos enunciados. Os referenciais históricos determinam nossa percepção do mundo, nunca de forma igual. A língua, sabemos, é dividida de forma desigual e hierarquizada. A FN, portanto, ocorre no conflito. “Ao condensar, ele [o substantivo] expõe as marcas dos referenciais que lhe são constitutivos, e assim abre-se para a

absorção, como também para o dissenso. Portanto, quando o substantivo exerce seu papel de designar, ele o faz potencialmente afetado pelo dissenso” (DIAS, 2018, p. 127).

Segundo Guimarães (2017, p. 30), “no acontecimento o que se dá é um agenciamento político da enunciação”. Além disso, falamos de um acontecimento que não ocorre de forma consensual entre todos. Podemos postular, em suma, que ‘noite’ e ‘dia’ foram e continuam sendo (re)significados por um domínio de mobilização institucionalizado pela mitologia cristã. Ulteriormente, veremos outras redes enunciativas que circundam o que dissemos até aqui.

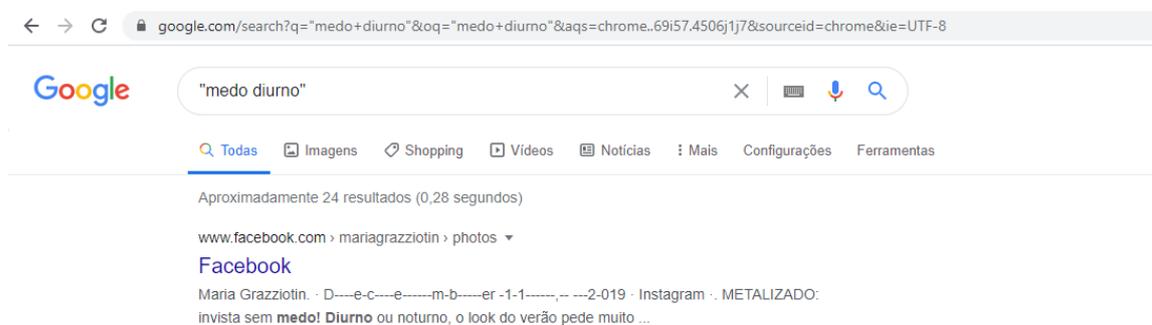
Como tentativa de ilustrar, por fim, a sustentação referencial do medo/terror regularizado majoritariamente no convergente “noturno”, fizemos a busca, no dia 01 de março de 2021, pelas FNs ‘medo noturno’ e ‘medo diurno’, no site *Google*.

(13) **FIGURA 5:** Resultado da busca ‘medo noturno’



Fonte: *Google*, 01 mar. 2021.

(14) **FIGURA 6:** Resultado da busca ‘medo diurno’



Fonte: *Google*, 01 mar. 2021.

Posto que “os lugares sintáticos dos enunciados contraem relações de apontamento, relacionando um campo de memória à atualização do enunciar”, (DIAS, 2018, p. 93), parece-nos relevante denotar a quantidade de resultados para ambas as pesquisas. Na primeira, temos

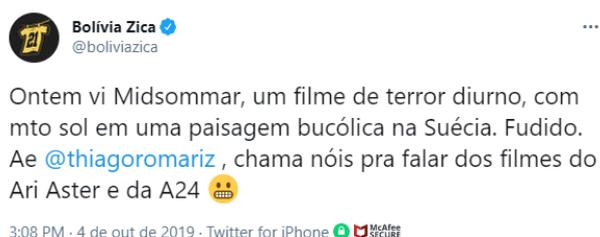
25.500 resultados, na segunda, 24. Esses números demonstram o quanto a articulação entre nome-núcleo e convergente adjetival é significativa na produção do enunciado. Nessa articulação internominal (DIAS, 2018), ‘noturno’ nos dá a possibilidade de entender ‘medo’ como parte de si. Dito de outra forma, ‘noturno’ perspectiva ‘medo’ de forma muito produtiva. Por não enxergarmos “uma separação entre a natureza formal e a natureza semântica”, visamos “compreender as articulações formais determinadas pela significação tendo em vista o acontecimento da enunciação” (DIAS, 2018, p. 66). ‘Diurno’, no entanto, não o faz, pois não tem expressão histórica. O dia apresenta baixa ancoragem no referencial do medo. Assim, o ‘medo’ corresponde a um investimento enunciativo de sentido muito mais propenso a se manifestar à noite do que durante o ‘dia’. Ou ainda, em nossa perspectiva ‘medo’ e ‘noite’ encapsulam-se de forma mais marcada do que ‘medo’ e ‘dia’. Sem dúvida, isso é visível quando analisamos a regularidade de uso das duas FNs.

Isso nos leva a postular que “o espaço do homem só é espaço enquanto historicamente determinado, e a linguagem o designa neste processo histórico” (GUIMARÃES, 2017, p. 58). Para nós, as relações entre os seres humanos, outrossim, são historicamente determinadas. A relação que existe entre certo sujeito e a noite, *e. g.*, é somente relação de determinada maneira porque é, a um só tempo, historicamente constituída; a linguagem designa e, simultaneamente, constitui tal relação. Ao dormir e ao acordar, a humanidade é constituída pela e na linguagem. A linguagem anoitece e amanhece (pel) o mundo.

Nesta próxima rede enunciativa, analisamos as FNs ‘terror diurno’, ‘terror noturno’, ‘guarda noturno’, ‘clube noturno’, ‘casa noturna’. Durante nossa pesquisa, pudemos perceber que os convergentes ‘noturno’ e ‘diurno’ — tanto em sua designação de gênero como em sua desinência indicativa de plural — estão relevantemente atrelados ao que as FNs ‘dia’ e ‘noite’ já indicaram. Elucidemos, de início, três dos enunciados.

QUADRO 4 - Rede enunciativa: convergentes ‘diurno’ e ‘noturno’ - 1

(15) FIGURA 7: Terror diurno



Fonte: *Twitter*, 04 out. 2019.¹⁶

(16) Terror noturno

Terror noturno é uma parassonia (distúrbio do sono) que, assim como o sonambulismo, é mais comum em crianças mas pode acometer adultos.

Fonte: *Minha Vida*¹⁷

(17) Guarda noturno

O Dia do Guarda Noturno é celebrado anualmente em 19 de outubro. Esta data é uma homenagem a todos os profissionais que se dedicam a proteger e vigiar locais públicos e privados durante a noite, período onde há a maior necessidade de cuidar da segurança dos estabelecimentos.

Fonte: *Calendar Brasil*¹⁸

Fonte: Elaborado pela autora.

Certamente, a FN ‘terror diurno’ alude a uma novidade para os telespectadores de filmes de terror. A essa novidade denominamos atualização e, conseqüentemente, diferença. Em (15), fica explícita a surpresa de quem assistiu ao filme *Midsommar*, lançado em 2019. Trata-se de um terror com muito sol, isto é, um terror iluminado, que ocorre fora de uma hora regularizada enunciativamente e, por conseguinte, sócio-historicamente. Quando buscamos ‘terror noturno’, encontramos o distúrbio da parassonia (16), mas não algum filme. Por que isso ocorre? Ora, como vimos em (13), o medo já é parte dos referenciais de noite. O nome ‘terror’, finalmente, abriga o convergente ‘noturno’, de modo que não precisamos falar de um ‘filme de terror noturno’, pois já existe uma relação de dependência interna na enunciação; dito de outro modo, a FN ‘filme de terror’ está tomada pelos referenciais da escuridão, da noite, do sombrio. Um ‘filme de terror diurno’, porém, precisa do convergente, visto que “a perspectivação não ocorre internamente à cena, pois é projetada pela enunciação de modo a conceber o referente” (DIAS,

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/boliviazica/status/1180183030520061954>. Acesso em: 02 mar. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/saude/temas/terror-noturno>. Acesso em: 02 mar. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www.calendar.com/brasil/dia-do-guarda-noturno/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

2018, p. 180). O presente do enunciado, assim, projeta um futuro em que o terror também pode ser diurno; por isso, falamos de pertinência e diferença.

Acerca do enunciado (17), começamos explicando o que seria a sua contraparte de significação: ‘guarda diurno’. É interessante pontuar que a ocorrência dessa FN se dá em menor grau se comparada à ocorrência ‘guarda noturno’¹⁹, isso equivale a dizer que não há regularidade, não há pertinência. O nome ‘guarda’ é historicamente significado como aquele sujeito que protege o dia — de forma ampla. ‘Guarda noturno’, por sua vez, tem até mesmo uma data de celebração da profissão, o que evoca a necessidade do convergente para diferenciá-lo do guarda ‘comum’. “Esta data é uma homenagem a todos os profissionais que se dedicam a **proteger e vigiar** locais públicos e privados **durante a noite**, período onde há **a maior necessidade de cuidar da segurança** dos estabelecimentos” (Quadro 4, ocorrência 17, grifos nossos).

QUADRO 5 - Rede enunciativa: convergentes ‘diurno’ e ‘noturno’ - 2

(18) Clube noturno
Para ser franco, os clubes noturnos fazem parte do mundo controlado por Satanás, pois são projetados com a finalidade de entregar-se mais aos desejos pecaminosos. Fonte: Got Questions ²⁰
(19) Casa noturna
Mercado do sexo: casas noturnas continuam a funcionar em plena pandemia Fonte: R7, 15 fev. 2021. ²¹
(20) ‘Evangelho de João’
Então, esta é a base para o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram a escuridão em vez da luz, porque as obras deles eram más. Pois quem pratica coisas ruins odeia a luz e não se chega à luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem faz o que é verdadeiro se chega à luz, para que se veja claramente que as suas obras são feitas em harmonia com a vontade de Deus. (Evangelho de João 3:19-21)

Fonte: Elaborada pela autora.

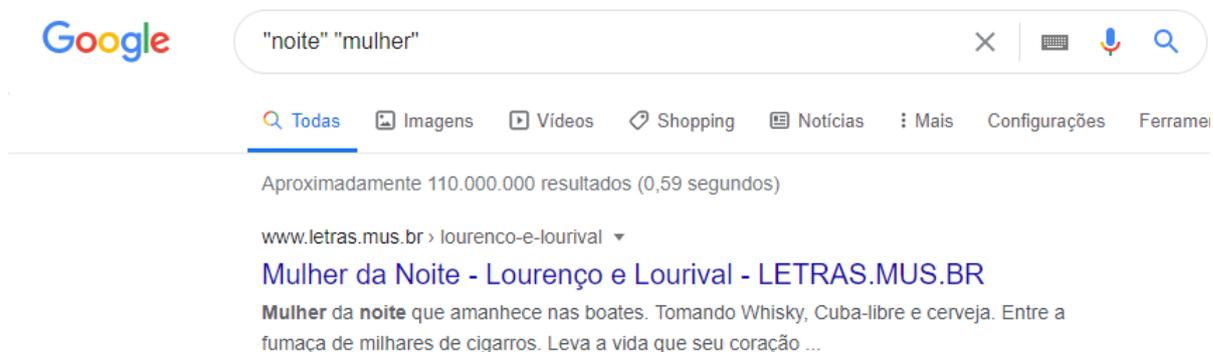
¹⁹ Em uma busca no site *Google*, no dia 25 de abril de 2021, encontramos 116.000 resultados para “guarda noturno” e 2.610 para “guarda diurno”.

²⁰ Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/cristao-clubes-noturnos.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

²¹ Disponível em: <https://recordtv.r7.com/camera-record/videos/mercado-do-sexo-casas-noturnas-continuam-a-funcionar-em-plena-pandemia-15022021>. Acesso em: 02 mar. 2021.

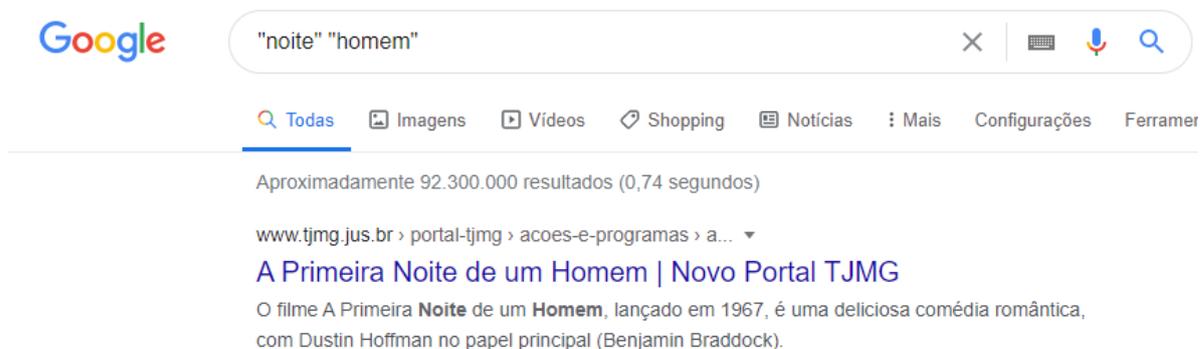
Essa divisão que fizemos entre quadro 4 e quadro 5 não é gratuita. Ao longo da elaboração do *corpus*, muitas ocorrências foram surgindo, nos instigando, cada vez mais, a desvendar a profundidade noturna e diurna. Descobrimos, sobretudo, que o adjetivo, de fato, tem muito a dizer. Nesse caminho, nos deparamos com as FNs ‘clube noturno’ (18) e ‘casa noturna’ (19), ambas com o sentido de pecado, sexo, prazer, festa, prostituição, mal, entre outras práticas consideradas más e falsas, por fim, em desarmonia com Deus (20). “A língua funcionou sempre como um sistema inquestionável, como um artigo de fé; no entanto, foi exatamente no espaço permitido pela língua que os valores morais puderam se constituir e se abrigar” (MOSE, 2018, p. 55). Além do mais, as regularidades nos dizem que as relações sócio-históricas entre mulheres/homens com a noite são significadas de maneira desigual.

(21) **FIGURA 8** - Noite e mulher



Fonte: *Google*, 03 mar. 2021.

(22) **FIGURA 9** - Noite e homem



Fonte: *Google*, 03 mar. 2021.

Segundo Foucault (1999, p. 8-9), “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Ao pesquisar no *Google* a FN ‘noite’ seguida, ora por ‘mulher’, ora por ‘homem’, o primeiro resultado é, respectivamente, ‘mulher da noite’ (FIGURA 7) e ‘primeira noite de um homem’ (FIGURA 8).

Iniciamos nossa análise retomando a obra de Guimarães (2017, p. 9), “Semântica do acontecimento”, na qual o linguista escreve que “a linguagem fala de algo”. Sem dúvida, repetimos o autor porque também postulamos o mesmo. O olhar enunciativo para a significação nos dá a oportunidade de entender como mundo e linguagem se constituem. Nas ocorrências (21) e (22), evidentemente, somos tomados pelo acontecimento que sustenta o que dissemos.

Nós somos historicamente afetados pela necessidade de decifrar o outro e tudo o que nos afeta, de buscar a compreensão, de participar da compreensão, de emitir nossa opinião, de definir o que é preciso dizer, em função dos nossos papéis sociais. São parte integrante dessa identidade social os papéis que nos identificam na sociedade. (DIAS, 2018, p. 97).

É indiscutível que vivemos em uma sociedade patriarcal, na qual somos mobilizados a dizer investidos de papéis sociais. Nós enunciamos esses papéis, bem como somos enunciados por eles. ‘Mulher da noite’, não em vão, encapsula sexo, prostituição, álcool, enfim, pecado. Os cantores Lourenço e Lourival cantam a essa mulher: “Mulher da noite teu destino é tão cruel / No fim do drama qual será o teu papel / Porque amanhã quando perder a mocidade / Sem lar sem companhia / Terás da boemia somente a saudade” (21). O ‘Evangelho de João’ (20) nos diz que “os homens amaram a escuridão em vez da luz, porque as obras deles eram más”. Há, então, uma rede de enunciados que sustentam a ideia de pecado e prazer como algo da noite, algo que é, sobretudo, do desejo do ser humano. A ‘mulher da noite’ condensa todo esse desejo.

Diferentemente, “a primeira noite de um homem”, nome de um filme, resgata o referencial de algo bom no ambiente masculino, posto que ‘a primeira noite’ significa ‘perder a virgindade’ — somente quando se trata de um homem esse efeito de sentido é positivo. A significação não é igualitária para o enunciado ‘a primeira noite de uma mulher’. Conforme nos diz Foucault (1996), o que está em jogo no discurso é o desejo e o poder. O domínio de mobilização judaico-cristão, assim, respalda o domínio de mobilização patriarcal para as FNs analisadas. Sustidos por Foucault (1999), postulamos que a religião judaico-cristã é, também, uma doutrina; e, conforme já citamos aqui, entedemos que “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; (...) se serve de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de

todos os outros” (FOUCAULT, 1999, p. 43). Enfim, “a constituição dos lugares referenciais não é algo da relação entre a linguagem e o real, e nem algo relativo ao gesto singular do sujeito na locução. (...) o objeto é constituído no gesto de significação e é historicamente delimitado no acontecimento enunciativo” (DIAS, 2018, p. 90).

Notemos que é possível significar nos enunciados anteriores a presença do divino, do sobrenatural. Essa irrupção política do que nos transcende e nos controla é obra e matéria vivida de nossos discursos. A mitologia fundamenta o mundo, e é como o primogênito da enunciação. “Os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje” (ELIADE, 2016, p. 11, grifo do autor).

É sabido que a FN ‘Idade das Trevas’, após o renascimento, é dada pelos próprios iluministas. O iluminismo, tempo da razão, da luz do conhecimento, veio como resposta ao tempo da ignorância: a Idade Média. Não pretendemos desgastar a dicotomia, mas é interessante notar, mais uma vez, que a história acontece simultaneamente à enunciação.

QUADRO 6 - Rede enunciativa: as horas sob pontos de vista**(23) Notícia veiculada pelo site ‘Terra’**

Com escuridão atípica, dia vira noite em São Paulo

Três da noite? O relógio ainda marcava 15 horas nesta segunda-feira, 15, em São Paulo quando o céu escureceu, o que causou a impressão de que a tarde tivesse virado noite na cidade.

Fonte: Terra, 19 ago. 2019.²²

(24) Trecho da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)

Considera-se noturno, nas atividades urbanas, o trabalho realizado entre as 22:00 horas de um dia às 5:00 horas do dia seguinte.

Nas atividades rurais, é considerado noturno o trabalho executado na lavoura entre 21:00 horas de um dia às 5:00 horas do dia seguinte, e na pecuária, entre 20:00 horas às 4:00 horas do dia seguinte.

Fonte: Guia Trabalhista²³

(25) Hora do diabo

Sabe por que 3 da manhã é a “hora do diabo”?

(...) A opinião unânime é que o diabo seria mais poderoso durante a (sic) escuridão da madrugada. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas nos dizem que Jesus morreu durante a “nona hora”. No cálculo moderno, seria às 3 da tarde. Satanás, então, virou o simbolismo em sua cabeça, tomando para si o horário das três da madrugada, (sic) em zombaria direta de Deus. Outra razão para essa escolha é o fato de ser no meio da noite; o sol ainda vai demorar algumas horas para nascer.

Fonte: Aleteia, 23 out. 2017.²⁴

(26) Amanhecer mais cedo

“Amanhecer mais cedo”: pessoas se adaptam à ausência do horário de verão

(...) se os ponteiros não mudam mais duas vezes por ano, agora são os amanheceres no Rio Grande do Sul que estão adiantados.

Esse "amanhecer mais cedo" — assim, entre aspas, porque se trata de uma percepção e não de um fenômeno — mudou a rotina de Stéphanie Perrone, 32 anos. (...) "Amanhecer mais cedo" soa estranho porque nada foi alterado no movimento da Terra em torno do Sol. Na prática, a duração dos dias segue padrões iguais em todos os dezembros, com particularidades em cada região do planeta.

Fonte: GZH, 05 dez. 2019.²⁵

Fonte: Elaborado pela autora.

²² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/clima/com-escuridao-atipica-dia-vira-noite-em-sao-paulo,bfeddf2710deb7fcfa2dda3906bf14fe28esxqpo.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

²³ Disponível em: http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/trabalho_noturno.htm. Acesso em: 02 mar. 2021.

²⁴ Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/10/23/sabe-por-que-3-da-manha-e-a-hora-do-diabo/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2019/12/amanhecer-mais-cedo-pessoas-se-adaptam-a-ausencia-do-horario-de-verao-ck3t7meho030d011l9148qvw1.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

No quadro 6, pretendemos enfatizar, a fim de caminharmos para o fim de nossas análises, que a construção de dia e noite é dada pela e na linguagem. As duas FNs são perspectivas referenciais regularizadas, em um *continuum* de significações, atendendo a demandas do presente, projetando um futuro e se atualizando a todo instante, posto que são históricas. Fica marcado que o valor semântico das FNs é, pois, afetado pelo domínio semântico instalado pela mitologia cristã. Ao analisarmos o referencial histórico de uma FN, superamos a concepção referencialista da linguagem, isto é, entendemos que a coisa não ‘é’ para depois ser dita, mas é sempre diferente porque é sempre dita *a priori*.

A oposição entre ‘noite’ e ‘dia’ se dá de forma histórica, devido a interesses culturais, econômicos e sociais. Nosso viés semântico-enunciativo não pergunta o porquê de ser denominado dia ou noite. Trata-se, majoritariamente, “de saber que há um cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome. (...) Essa percepção das entidades e situações advém da constituição do seu sentido na história” (DIAS, 2018, p. 120).

Não há uma verdade sobre o que seja o dia e a noite, mas enunciações que as significam. Percebemos, no limite, que a oposição entre dia e noite se fundamenta em uma vontade de verdade que, tal qual “os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional” (FOUCAULT, 1999, p. 17). A verdade é um tipo de “convenção que rejeita sua origem, um signo que ‘esqueceu’ que é signo” (MOSE, 2018, p. 75). Ela é enunciada segundo interesses a fim de algo que seja útil. “O que o homem de fato quer não é a verdade, mas as consequências que ela pode proporcionar” (MOSE, 2018, p. 76).

Dito isso, basta escurecer para 15h da tarde virarem “três da noite” (23), ou seja, não mais se trata de algo que podemos afirmar pelo relógio. O trabalho noturno (24) depende da região, se urbana ou rural, para ser considerado como jornada durante a noite. Nessa medida, podemos dizer, por exemplo, que entre 21h e 22h é, a um só tempo, dia e noite no mundo. Em (25), às “três da manhã” temos a “hora do diabo”, que ocorre às 3h do relógio; essa seria a hora mais poderosa da ‘madrugada’, por isso Satanás seria o inquilino de “três da madrugada”, além de ser uma hora que ocorre “no meio da noite”. Essas ocorrências salientam o que vimos dizendo até então: noite e dia são o que as enunciações dizem sobre noite e dia, não existe meio de estabelecer o limite de seus sentidos, uma vez que ambos continuam se atualizando em um devir dos discursos. Em decorrência disso, “os objetos que nos parecem ser naturalmente da realidade são objetos sociais, isto é, objetos enunciáveis” (DIAS, 2018, p. 126).

Finalmente, trata-se não somente de uma percepção (26), mas de uma construção feita pela linguagem. De fato, “‘amanhecer mais cedo’ soa estranho porque nada foi alterado no

movimento da Terra em torno do Sol” (Quadro 6, ocorrência 26), todavia, não estamos tratando de fenômenos, mas de efeitos de sentido (des)regularizados. Por essa razão acreditamos que “a enunciação é um acontecimento da produção do sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social” (DIAS, 2018, p. 45).

Conforme Eliade (2016, p. 152), “o pensamento mítico pode ultrapassar e rejeitar algumas de suas expressões anteriores, tornadas obsoletas pela História, pode adaptar-se às novas condições sociais e às novas modas culturais, mas ele não pode ser extirpado”. As considerações desse estudo nascem do desejo de mostrar que, a partir da Semântica da Enunciação, é possível explicar as razões enunciativas dos efeitos de sentido das formações nominais ‘noite’ e ‘dia’, partindo da mitologia judaico-cristã, sua proliferação no ocidente, até os dias atuais, no mundo globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o viés semântico-enunciativo, conseguimos vislumbrar que os efeitos de sentido que as formações nominais — organizadas em torno dos nomes-núcleo ‘dia/noite’ e dos convergentes ‘diurno/noturno’ — evocam estão ancorados no referencial histórico estabilizado pela mitologia judaico-cristã. É importante ressaltar, todavia, que não vislumbramos a direção dos sentidos de ‘dia/noite’ como algo sempre bom/ruim, uma vez que compreendemos as mudanças de ordem sócio-histórica. Empenhamo-nos, sobretudo, em demonstrar a regularidade de sentidos estabelecida a partir da colonização cristã no Ocidente. Ademais, pudemos perceber enunciados que (re)significam essa memória enunciativa — ainda que de modo menos regularizado —, atualizando as relações sócio-históricas e as percepções dos sujeitos frente ao que é o próprio do movimento do universo.

Propomo-nos aqui a uma mudança de perspectiva, numa tentativa de rearranjar o foco, isto é, guiar o olhar para outros ângulos, ver variar a posição da câmera semanticista. De nenhum modo, no entanto, está estabelecido o fim, posto que dar o ponto final é calar o movimento dos sentidos.

Realizamos uma análise no âmbito da qual as palavras significam e, conseqüentemente, dividem e organizam o mundo. Acontecimentos surgem para além do sentido dicionarizado dos signos, pois a significação é tomada de outros lugares e de outros tempos que não aqueles dados por um viés referencialista. As FNs encapsulam a deriva do sentido, seus efeitos, não uma ordem estabelecida.

O presente trabalho, portanto, abre espaço para inúmeras considerações a respeito dos referenciais históricos que sustentam as formações nominais que enunciamos cotidianamente. Entendemos, por fim, que a reflexão concebida, aqui, não estabelece uma partida, tampouco um ponto de chegada, mas um caminho para que possamos, de forma científica, abordar a linguagem à luz do olhar semântico-enunciativo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Santa Bíblia**. Tradução de João Ferreira de Almeida. [S. L.]: eBookLibris, 2006. E-Book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biblia.html#1>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BORGES, L. *et al.* **Clube da Esquina nº 2** [1972]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47417/>. Acesso em: 14 out. 2020.
- COMMELIN, P. **Mitologia Grega e romana**. Tradução de Eduardo Brandão. 4 ed. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2011, p. 3-4.
- DALMASCHIO, L. **Predicação dirigida x predicação centrada: a (não) ocupação do lugar sintático de objeto na perspectiva da Semântica da Enunciação**. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- DALMASCHIO, L. Uma semântica de base enunciativa x a construção histórico-político-social do sentido. In: ASSUNÇÃO, A. L. et. al. (Orgs.). **As letras da política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- DIAS, L. F. Efeitos de Sentido. In: FRADE, I. C. A.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- DIAS, L. F. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DUCROT, O. Enunciação. In: **Enciclopédia Einaudi: linguagem-enunciação**. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 368-393, 1984.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- ELIADE, M. (1963). **Mito e Realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FOUCAULT, M. (1969). **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. (1971). **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, p. 77-96, 2007.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, I. C. T. **A formação nominal em português: um estudo sintático-semântico de bases enunciativas.** 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.